

Dionísio Vila Maior

*Uma Introdução às
Literaturas Africanas De Expressão
Portuguesa
de Angola, Moçambique e Cabo Verde*

(Formação — Caderno de Apoio)



Instituto Politécnico da Guarda
Escola Superior de Educação

Guarda/1993

Dionísio Vila Maior

*Uma Introdução às
Literaturas Africanas De Expressão
Portuguesa
de Angola, Moçambique e Cabo Verde*

(Formação — Caderno de Apoio)



Instituto Politécnico da Guarda
Escola Superior de Educação

Guarda/1993

2 ANGOLA

2.1 Aspectos culturais e estético-literários gerais

2.1.1 Século XIX

- Instalação da Imprensa em Angola (1845)
- Impressão do primeiro livro na África lusófona: *Espontaneidades da minha alma às senhoras africanas* [de José da Silva Maia Ferreira] (1849)
- Uma pequena burguesia africana estabelece, progressivamente, as bases de uma cultura aculturada, abrindo caminho para um despertar cultural
- Jornalismo activo e polémico: *O Echo de Angola* (1881)
 - Início da intervenção africana na imprensa contra os abusos do regime colonial]
- Cresce sentimento protonacionalista
- Emerge uma consciência regional
- Desenvolvem-se estudos etnográficos
- Poesia ainda presa ao quadro de referências estéticas do sistema linguístico e literário romântico e ultra-romântico português

2.1.2 Século XX

2.1.2.1 Anos 10 a 20

- Hiato da poesia marcada pela consciência nacional

2.1.2.2 Anos 30

- Papel de Tomaz Vieira da Cruz [a influência directa na poesia daqueles poetas que, pouco depois, iriam jurar “descobrir Angola”]

2.1.2.3 Anos 40 a 60

- Anos 40
 - Despertar da consciência revolucionária
 - Movimento dos Novos Intelectuais de Angola [MNIA]:
 - «*Vamos descobrir Angola!*» (1948)
 - Poesia de desalienação
 - Reconstrução da angolanidade poética
 - Valorização da “Mãe-África”
 - Literatura de compromisso [influência sobretudo do Neo-Realismo português]
 - “*comboio*”: signo ideológico explorado literariamente
 - Reivindicação cultural
 - Reabilitação das culturas tradicionais e da negritude
 - Alguns poetas
 - Maurício Gomes
 - Agostinho Neto
 - António Jacinto
 - Viriato da Cruz
- Anos 50
 - Revista *Cultura (I)* [1945-1951: 19 nºs]
 - Órgão oficial da Sociedade Cultural de Angola
 - Ausência de cariz revolucionário
 - Incaracterística do ponto de vista da angolanidade [de um modo geral]

- Alguns colaboradores
 - Geraldo Bessa Victor
 - Agostinho Neto
 - Humberto da Sylvan
 - Mário António
- *Antologia dos Novos Poetas de Angola* (1950)
- Associação dos Naturais de Angola [ANANGOLA] (1951)
- Revista *Mensagem* [1951-1952, 4 nºs]
 - Editada pelo grupo ANANGOLA
 - Porta-voz do MNIA
 - Objectivo: procurar a autenticidade cultural
 - Utilização linguísticas de palavras das línguas-mães [sobretudo o quimbundo]
 - Angolanidade: denominador comum de todos os textos
 - Preanuncia uma literatura social e politicamente comprometida e revolucionária
 - Antevisão da luta de libertação
 - Alguns colaboradores
 - Ermelinda Pereira Xavier
 - Agostinho Neto
 - António Jacinto
 - Humberto da Sylvan
 - Maurício Gomes
 - Viriato da Cruz
- Revista *Cultura (II)* [1957-1960: 13 nºs]
 - Cariz semelhante ao da *Mensagem*
 - Intensifica-se a consciência sócio-política dos intelectuais e escritores angolanos

- Revitalização da poesia
- Busca de angolanidade
- Revista heteróclita [muitos aspectos como objecto de análise]
- Marcado regionalismo actuante
- Linha de participação directa e militante
- Constante evocação do tempo da infância e do passado [como compensação do tempo presente]
- Alguns colaboradores
 - Luandino Vieira
 - Arnaldo Santos
 - Aires de Almeida Santos
 - Ernesto Lara Filho
- Anos 60
 - 1961: início da luta armada
 - Tempo de repressão
 - Poesia de resistência e de combate
 - Exaltação do acto de libertação nacional, através da luta armada
 - "futuro": signo poético-literário, aproveitado, de forma recorrente, como signo ideológico

2.1.2.4 Anos 70

- Recuperação do processo estético que caracterizara a poesia dos anos 50
- Convívio com as pesquisas da poesia actual

2.2 Poesia e narrativa angolanas

2.2.1 Quatro etapas fundamentais

2.2.1.1 1820-1900

- Dependência e submissão para com os modelos europeus

2.2.1.2 1900-1948

- 1900-1930: período de silêncio
- 1930-1948: antevê-se uma literatura diferente

2.2.1.3 1948-1961

- Primeiro
 - Repensa-se seriamente as circunstâncias angolanas
 - Desenvolve-se uma consciência nacional alicerçada numa contestação ao colonialismo
 - Questiona-se o modelo europeu ocidental
- Depois
 - Retoma-se a criação, já liberta dos anteriores constrangimentos
 - Convite ao combate

2.2.1.4 1961-1975

- Desencadear do combate de libertação nacional
- As "balas dão a flor"

2.2.2 Três "registos"

- 1. Poesia ligada às estruturas tribais (tende a marginalizar-se)
 - As formas poéticas tradicionais deslocam-se progressivamente do âmbito do drama ritual

- Sofre o influxo das formas da colonização que alteraram as estruturas dos quadros tradicionais
- 2. Poesia de tradição oral, de temas e de expressão angolanos
- 3. Poesia de expressão angolana em língua portuguesa
 - Poesia dos bairros indígenas (os 'musseques', de Luanda) que reflecte o choque entre os costumes tribais e as condições da vida urbana
 - Poesia realista
 - Reivindica características de nacionalismo
 - O canto dos sujeitos que se vêem alienados pela sociedade e que procuram levantar-se contra ela
 - Nunca deixa de comparar o nível de vida dos brancos, dos mulatos e dos negros, insistindo na condição inferior destes últimos
 - Critica o comportamento da burguesia negra ou mestiça que imita a atitude do senhor branco e se desinteressa da sorte geral dos negros
 - Ritmos poéticos: simbiose dos ritmos tradicionais com os ritmos afro-americanos, afro-brasileiros, divulgados pela rádio
- NB)
 - Poesia expressa sobretudo em língua portuguesa (embora crescente revitalização do quimbundo)

2.2.3 Os poetas

- Homens da cidade
 - OBS: A cidade
 - Pólo catalizador e difusor dos valores culturais e civilizacionais

- Espaço que possibilita a melhoria do estatuto social e económico
- Alguns de marcada influência europeia (mesmo quando são negros, embora defensores de uma cultura específica e da reabilitação dos valores culturais africanos)

2.2.4 Origens (XIX e XX [i])

- Aspectos ideológico-culturais
 - Emergência de uma consciência regional
 - Jornalismo activo e polémico
 - Estudos etnográficos (recolha de contos e adágios populares)
 - Organização de gramáticas e dicionários de quimbundo-português (Cordeiro da Matta)
 - Poesia presa ao quadro de referências estéticas, paradigmáticas do sistema linguístico e poético romântico e ultra-romântico português (difícilmente se pode falar num quadro estético exclusivamente africano)
 - Quando se fala em Angola, há sempre a referência ao padrão branco europeu
 - Forte identificação com a poesia europeia, mas também identificação com o real angolano (porém, sem uma profunda interiorização)
- Dois núcleos temáticos fundamentais
 - 1. A mulher africana
 - 2. A cor da pele

2.2.5 Século XIX: poesia

2.2.5.1 José da Silva Maia Ferreira

- Angolano; provavelmente mestiço; estuda em Lisboa, provável instrução superior à primária
- *Espontaneidades da minha alma às senhoras africanas* (1849)
 - O primeiro livro publicado na África lusófona
 - Vectores temático-ideológicos
 - Indicia uma consciência regional
 - Compromisso ideológico com Portugal, mesmo nos seus poemas dedicados a África
 - Influências românticas e arcádicas: epígrafes, dedicatórias... (muita dessa cultura europeia lhe vinha do *Almanach de Lembranças*)
 - NB) *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*
 - Publicação impressa em Portugal (1851-1932)
 - Aí se publicava um pouco de tudo (poesias de poetas conhecidos, poemas de pessoas que desejavam o anonimato, adivinhas, previsões do tempo...)
 - Veiculava todas as ideias literárias europeias, brasileiras e africanas
 - Veiculava ideias do romantismo e do realismo
- Amor
- Fraternidade
- Recordação familiar
- Amizade

- Rusticismo
- Sentimento pátrio
- Aspectos técnico-discursivos
 - Soneto
 - Tessitura lírica frágil e rudimentar
 - Banalidades rimadas
 - Muitas repetições
 - Epígrafes e citações (tiradas normalmente de poetas ultra-românticos, facultadas pela larga aceitação de publicações como o *Almanach de Lembranças*)
- Poema "A Minha Terra"
 - OBS: «Sóba» (v.2) = chefe tribal
 - Vectores temático-ideológicos
 - Não canta tanto a sua terra, mas faz mais uma aproximação da sua terra com Portugal (identificação com a estética europeia e com a ideologia dos colonizadores, manifestando-se a identidade com Portugal ao longo de todo o poema)
 - Angola entra por ausência (em vez de cantar as belezas de Angola, canta as carências [«não tem», «só tem»])
 - Quando estabelece uma comparação em que mostra algo de positivo, não mostra a superioridade de Angola, mas sim a igualdade («rouxinol» / «Benguela»)
 - Quando diz o que tem, não exalta
 - A mulher africana (est.10-13)

- Comparação da mulher africana com a mulher portuguesa
- Valorização da mulher africana (mas subestimada pela cor da pele negra e pela ausência de cultura [«Mas não tem a cultura»])
 - Carência de heróis
 - Canta os colonizadores (que venceram os infiéis)
 - Coloca Angola inferiorizada perante a Europa e o Brasil
 - Ideias românticas: amor à terra
- Aspectos técnico-discursivos
 - Chavões românticos
 - Deus, mãe, pátria (est. 30-31)

2.2.5.2 *Ernesto Marecos*

- Português branco
- *Juca, a Matumbolla* (1865)
 - Intriga
 - A história de Juca (ideal de beleza africana), muito pretendida
 - Giolo (caçador famoso) deseja possuir Juca, mas é sempre rejeitado
 - Giolo recorre a um feiticeiro para tornar Juca uma matumbolla
 - Durante a noite, Giolo e o feiticeiro vão ao cemitério
 - Giolo fica aterrado perante Juca

- Um raio passa entre os três
- No dia seguinte, o feiticeiro é encontrado morto; Juca, adormecida
- Giolo desaparece na selva (num dos textos)
- Giolo arrepende-se e autopune-se (entrega-se a um leão)
- Linha romântica e ultra-romântica
 - África
 - O lugar idealizado, da lenda e do exótico, da simplicidade, da pureza
 - Europa
 - O lugar da mentira e da luxúria
 - *Clichés* românticos
 - África é vista como um modismo
 - Culto da morte
 - Gosto pela noite
 - Gosto pelo mórbido, pelo sinistro (cemitério)
 - Juca: anjo e demónio, pela sensualidade que tem
 - Exploração obsessiva dos sentimentos
 - A dor de amor e a morte por amor
 - Giolo procura na morte o castigo para os seus actos
 - Espírito das personagens: amor paternal e filial
 - Juca guarda o espírito romântico
 - Ela é a boa filha que cuida do pai
 - Estátua da inocência junto da estátua da velhice

2.2.5.3 *Cândido Furtado*

- Português branco, radicado em Angola
- Posições um pouco diferentes da dos outros, mas ainda não tem uma visão 'de dentro' da consciência angolana
- Angola aparece ainda como um motivo, uma recorrência romântica (ideia de cor, de dor), o que o coloca ao lado de muitos outros poetas da altura
- "No álbum de uma africana"
 - Tópico da cor da pele
 - A anulação da cor é uma forma de lhe dar importância
 - Põe a africana em pé de igualdade com a europeia (vê o negro tão belo como o branco)
 - Divinização da mulher africana («formas divinas»)
 - Sensualidade da mulher negra (imagens românticas)
 - Compara-se essa mulher à violeta (est.3), ao ébano (est.2), à noite escura (est.4)
 - Dicotomia claro/escuro
 - Chega a dar mais valor ao escuro

2.2.5.4 *Eduardo Neves*

- Português branco, radicado em Angola, onde morreu
- Na esteira de louvor à mulher africana: continua a falar dela como algo exótico e muito sensual [no entanto, esse olhar tem já algo de realista (ecos de um realismo que já se fazia sentir)]
- Valores temático-ideológicos e estilísticos
 - Olhar mais realista da mulher africana (negra ou mestiça)
 - O comportamento da mulher africana nos jogos amorosos com o branco

- Convívio linguístico (português e quimbundo)
- "N'um batuque"
 - OBS: 'batuque': festividade que dura dias, onde convivem negros e brancos
 - O poeta mostra o exótico, a moreninha, mas também mostra o comportamento dela
 - A africana não dança com o branco, porque sabe que o homem branco é perigoso para ela
 - Porém, ela deixa uma dúvida, o seu comportamento oscila entre o desejo e a proibição
 - Ideia do homem branco tentando a mulher negra e esta negando (motivo comum também a Cordeiro da Matta, "Kicôla")

2.2.5.5 *Cordeiro da Matta*

- Angolano negro; professor, historiador, filólogo, linguista, pedagogo, poeta e romancista
- O "pai espiritual" da literatura angolana
- Contribui para a consciencialização da angolanidade (o primeiro a interessar-se verdadeiramente por África)
- Defende a reafrikanização
 - Advoga a legitimação das línguas indígenas, línguas que, segundo ele, transmitem valores éticos e filosóficos tão válidos como os transmitidos pelas línguas europeias
 - O primeiro a fazer um dicionário quimbundo-português
 - Recolhe contos tradicionais africanos
- Dá uma nova dimensão erudita à cultura tradicional da sociedade crioula
- *Delírios* (livro de versos: 1887)

- Consciência e sentimento nacionais já muito visíveis
- Temas de raiz angolana
- Mas... contradições por vezes ("Negra")
- Contudo... preso ainda a determinados valores estéticos europeus
 - Identidade cultural e estética com a Europa
 - Identidade afectiva com a África
- Convívio linguístico (português e quimbundo): função didáctica
- "Kicôla"
 - Intertextualidade com "N'um batuque", de Eduardo Neves
 - Uso do quimbundo (elemento exótico)
 - Recusa da mulher negra ao desejo do branco

2.2.6 Século XIX: narrativa

2.2.6.1 Alfredo Troni

- *Nga Mutúri* ('senhora viúva') (1882)
 - Características de folhetim
 - Intriga
 - Percurso de ascensão social de uma negra que, ainda criança, é vendida pelo tio, vai do mato para a cidade de Luanda, da vida tribal para o comércio, passando pela escravatura, servidão, tornando-se na mulher de um branco, ficando viúva e acabando na independência e no reconhecimento sociais
 - O trajecto social corresponde a uma evolução onomástica
 - 1. *Buxila*: filha de escrava ou de mulher

- livre
 - 2. *Mucama* (a principal): criada de quarto e concubina do patrão branco
 - 3. *Nga muhatu*: senhora casada
 - 4. *Nga mutúri*: senhora viúva
- Espaço geográfico
 - Área mestiça da cidade de Luanda
- Espaço social
 - A sociedade crioula do último quartel do XIX
 - Cerimónias ligadas à morte do companheiro de Nga Mutúri
 - Importância concedida à mulher (aos seus comportamentos, feitiços, vestuário, rituais...)
- Aspectos técnico-discursivos
 - Trajecto social narrado numa longa ANALEPSE
- Protagonista
 - Mutúri
 - Exemplo de criouldade cultural e não biológica
 - Via de acesso à criouldade cultural: através da escravidão doméstica
 - Pode ser perspectivada em múltiplos planos
 - No plano biológico
 - Negra
 - No plano ideológico
 - Pretende parecer o mais possível branca, forçando o reconhecimento de uma

- impossível aculturação
rácica (inculca-se de
ascendência branca [ela
era um pouco clara de
pele, "fula" na
classificação crioula])
- No plano económico
 - Torna-se uma assimilada perfeita, integrando-se na vida comercial e financeira
 - No plano social
 - Integra-se na sociedade dos panos, mas está desintegrada da sociedade dos vestidos (aceita novos hábitos, sem, porém, percorrer todo o caminho da europeização)
 - No plano cultural
 - Partilha das vivências de cultos e rituais da comunidade (óbito, missa, missas...)
 - No plano linguístico
 - Hibridismo aculturativo (fala em português, mas reza em quimbundo)

- No plano religioso
 - Práticas católicas de fachada, mas mantém crenças feiticistas
- No plano sentimental
 - Perdas e convivências
- A aculturação começa com a retirada dos enfeites arcaicos e com a lavagem do corpo
- Aprende a importância do *parecer*
- Vectores Ideológicos e sócio-culturais
 - Estratos da pequena burguesia mestiça de Luanda (sociedade de aparências)
 - O problema da sociedade urbana afectada pela miscigenação étnica e cultural
 - O movimento de aculturação implica uma transformação moral e psicológica: a passagem do *ser ao parecer* (e assumir o universo das aparências)
 - A importância do *parecer* obriga-a a todo um processo de despersonalização, de descaracterização
 - Aprendizagem do jogo *ser/parecer* (corresponde-lhe um outro jogo: esquecer / lembrar)
 - Perdas (identidade, ser) / aquisições (máscara, parecer)
 - Lidar com a economia (nga é enganada e aprende a ser desconfiada, nunca chegando a integrar-se completamente)

- na sociedade dos brancos)
- Reprimir o impulso sexual (perde-o para ganhar respeitabilidade)
- Esquecer a origem (perde-a para ganhar algo)
- Falar como os brancos (perde a fala primitiva para ganhar um pouco da fala branca)
- Vestuário (perde missangas)
- MAS...o que ela não perde de sua origem
 - Falar "errado"
 - Pôr a toalha direita
 - Crença (ela pode disfarçar, mas a fé no feitiço permanece)

2.2.7 Século XX

- OBS: Anos 10 a 30
 - Hiato da poesia e da narrativa marcadas pela consciência nacional

2.2.7.1 Anos 30

2.2.7.1.1 Tomaz Vieira da Cruz

- 1900-1960; português radicado, aos 24 anos, em Angola, onde permaneceu 25 anos
- Vectores temático-ideológicos da sua poesia
 - Fraternidade racial (avanço humanístico)
 - Adesão mais sentimental do que cultural ao mundo angolano (vê a realidade africana com um olhar europeu, mas num verdadeiro processo de simpatia, de adesão à

- terra e às gentes angolanas)
- Visão romantizada da condição do negro
- Enfatiza a mulher negra e a mulata
- Poesia muito assente na sensualidade
 - NB) A visão da mulher negra mudou: já não é comparada com a mulher branca
- Idealismo nacionalista e reaccionário
- Uma certa forma de saudosismo (saudade, romagem, castelo medieval...)
- Temas mais frequentes
 - Errância (a tristeza é a do poeta errante e a da raça negra [normalmente apresentada pela mulher africana])
 - Mar
 - Fatalismo
 - Viagem para nenhum regresso (exílio)
 - Dor de ser negro
 - A mulata
- Poesia de certo modo alienada, porque fala de problemas passados
 - Em 1920, a escravatura já tinha terminado
 - Fala do passado do negro, não do presente (ideia neo-romântica)
- Poeta da musa mulata... MAS epíteto discutível
 - Razões
 - É à negra que o poeta realmente dedica a maior parte da sua poesia
- *Quissange* — *Saudade Negra* (1932; livro de poemas)
 - Primeira etapa para a criação de poesia de raiz

verdadeiramente angolana (poemas de motivos africanos)

- Posição do homem branco, cheio de curiosidade
- Propensão para o exotismo (em demasia, até)
- Procura autodescolonização, procurando aderir e identificar-se com o espaço social e humano de Angola, mas adesão limitada em profundidade
- Sensualidade da mulata
- Poema "Mulata"
 - «nostalgia»: nostalgia individual
 - «sonho»: ideia ligada à mulher, ao amor
 - «boca dolente»: sensualidade da mulata, o rosto dela é misto de tristeza e de alegria
 - «navegantes»: são os beijos (a sensualização de um vocábulo utilizado pelo saudosismo)
 - OBS
 - Vieira da Cruz usa muitos recursos do Saudosismo de Teixeira de Pascoaes, mas ele erotiza, sensualiza os vocábulos desse Saudosismo
 - A saudade de Vieira da Cruz é uma capa, não a essência, é um saudosismo mais ornamental do que essencial
 - Os defeitos da mulata não são defeitos da cor, mas os comuns aos do humano, em geral
 - «Saudades de duas raças / que se abraçaram no mundo»: saudade-nostalgia (difere da Saudade

de futuro, de Pascoaes)

- A mulata está presente de forma muito concreta (aparece definida como a saudade do branco e a saudade do negro)
 - Esta forma de saudade é uma forma erotizada
 - A mulata é colocada como a cisão de duas raças e a perda dessa mesmas raças originárias
- *Tatuagem — Poesia d'África* (1942)
 - Permanecem os motivos africanos, mas nota-se menos o saudosismo
 - Aprofunda-se o sentimento de identificação com a terra e a gente de Angola
 - Apresenta a condição do homem negro numa forma de protesto contra a sua alienação
 - Dor de ser negro
 - O negro é sempre triste
 - Errância do negro (ideia sebastianista)
 - ASSIM...
 - O primeiro poeta que apresenta um *corpus* considerável de poemas sobre Angola e a África e que, apesar de ligado a uma estética europeia, é capaz de colocá-la ao serviço de uma temática angolana (ex: comparação da mulher com elementos africanos, embora, por vezes, também ocorram comparações com a cultura do Velho Mundo)
 - «[...] embora não seja precursor, numa linha directa, do movimento cultural-literário da Geração de 1950, é provável que o [...] lirismo [de Tomaz Vieira da Cruz] de motivos africanos tivesse alguma influência na emotividade reivindicatória daqueles poetas que juravam "descobrir Angola» (HAMILTON, Russel G. (1975) - *Literatura africana, literatura necessária I-Angola*, vol. I, Lisboa, Ed. 70, p.68)

2.2.7.1.2 Geraldo Bessa Vítor

- Angolano mestiço; vem, em 1946, para Lisboa, licencia-se em Direito e exerce advocacia; poeta e contista
- Poesia que aponta para temas regionais angolanos, mas nem sempre consegue exprimir a verdadeira cosmologia africana
- Homem de "dois mundos"
 - Poesia entre a vivência cultural europeia e a de raiz angolana (entre a cultura recebida e as memórias da infância)
 - União entre os ritmos do fado e os do tantã africano
 - Denota esforço para reencontrar as suas raízes étnicas e culturais (sem o conseguir totalmente, reconhecendo a dificuldade para cantar a 'raça')
 - Não penetra no problema da raça, nem no da contextualização sócio-política
- Expressa abstrações (não há intervenção nem compromisso)
- Desejo de altruísmo e de fraternidade (em que todos dão as mãos)
- Visão idealista do negro, sobrevalorização (é criticado por isso)
- Denuncia a discriminação racial, sem propriamente falar dela
 - "O menino negro não entrou na roda"
 - O poeta canta a tristeza do negro, mas sempre em relação ao branco
 - A natureza aparece solidária com os brancos
 - O vento canta como uma dança
 - Os pássaros voam sobre a cabeça dos meninos
 - Apela-se para o sentimentalismo

- Jogo de oposições (também presentes de modo recorrente em Luandino Vieira)
 - Negro/branco (selva/asfalto; urbano/rural; cultural/natural)
 - Com a mãe por perto, os meninos brincam à roda (dança própria do branco)
 - O menino branco chama o negro para brincar, mas, na sua visão de branco pequeno, chama o negro por um «Venha cá, pretinho» (v.16) (a infância é um dado natural / o «pretinho» é um dado cultural)

2.2.7.1.3 Assis Júnior

- Advogado, jornalista; escritor
- Protesta contra os abusos perpetrados pela administração colonial
- Ajuda a consciencialização da angolanidade político-cultural entre os 'assimilados'
- *O Segredo da Morta* (publ. em 1936)
 - Subtítulo: "Romance de costumes angolanos" (MAS... não faz nenhuma alusão à África ou à raça)
 - Apresenta o africano como um exótico
 - Apresenta o branco como o pioneiro da civilização
 - Testemunha a transição do século XIX para o século XX
 - Abandona a visão colonialista
 - Estilo literário
 - Anacrónico, barroco
 - Procura fugir à influência do romance europeu

(mas imita as técnicas literárias ocidentais)

- Hibridismo
 - Estilo narrativo e adágios e provérbios em quimbundo
 - História melodramática e compêndio de costumes (estruturas sociais e económicas angolanas)
- Espelha uma dualidade cultural (confusão ideológica)

2.2.7.2 Anos 40/50

- Despertar da consciência revolucionária
- Vectores temático-ideológicos
 - Poesia de desalienação
 - Contra o racismo
 - Contra a exploração económica colonialista
 - Contra a assimilação colonial
 - A exaltação do homem negro africano tem um duplo objectivo:
 - 1. Superar a alienação e
 - 2. Consciencializar politicamente
 - Reconstrução da angolanidade poética
 - Procura um discurso poético genuinamente africano (reafricanização)
 - Literatura de compromisso
 - Critica e denuncia o colonialismo (influência sobretudo do Neo-Realismo Português)
 - Reivindicação cultural (geração de 1950)
 - Poesia que mostra uma consciencialização social crescente
 - Aponta para a exploração económica e para o

desmembramento das sociedades angolanas

- Denuncia a exploração do "moço de fretes" (*monangamba*)
- Poetas
 - Agostinho Neto
 - Mário de Andrade
 - Arnaldo Santos
 - António Jacinto...
- Reabilitação das culturas tradicionais e da negritude
- Temas mais frequentes
 - Mestiçagem
 - Infância
 - Saudade (do mundo original perdido, da fraternidade racial, da Mãe-África, da Mãe-Negra)
 - Drama do contratado
 - Solidariedade para com a mulher africana
 - Desmistificação do quotidiano duro e sofredor
 - «Comboio» ("*Castigo pró comboio malandro*", de António Jacinto)
 - Imagem bebida no Neo-Realismo Português
 - Símbolo da exploração humana na construção dos caminhos de ferro, do desfloramento da terra, da desordem social, da humilhação dos passageiros negros em 3ª classe
- Experiências poéticas que pré-anunciam a poesia de raiz verdadeiramente angolana
- Movimento dos novos intelectuais de Angola (MNIA) (1948)

- Lema: "Vamos descobrir Angola!"
 - 'Descobrir' implicava redefinir e daí partir para a valorização dos dados fundamentais da caracterização cultural)
- Movimento que exprime a reacção dos angolanos às novas realidades sócio-económicas bem precisas: a chegada a Angola, no fim da 2ª Guerra, de um grande número de colonos portugueses
- O movimento com que se inicia verdadeiramente a moderna literatura angolana
- Pretendia ter uma actividade literária e cultural intensa
 - Publicação periódica da revista *Mensagem*
 - Concursos literários
 - Exposições de artes plásticas
 - Início de uma campanha de alfabetização
 - Edição de obras de autores angolanos
 - Palestras e conferências
 - Recitais
 - Divulgação artística, literária e científica
 - Fundação de escolas primárias, médicas, técnicas e profissionais
 - Criação de bibliotecas...
- Procura-se resgatar a lírica angolana tradicional
- Intenção de criar uma verdadeira poesia angolana
- Modelos ideológico-formais brasileiros
- Autores representativos
 - António Jacinto
 - Viriato da Cruz
 - Maurício Gomes

- Agostinho Neto...
- *Antologia dos Novos Poetas de Angola* (1950)
 - Primeira manifestação colectiva de poesia moderna em Angola
 - Caderno policopiado
 - Objectivos
 - Dar a conhecer jovens poetas
 - Angolanidade
- Revista *Mensagem* (1951-1952, 4 nºs)
 - Subtítulo: "A voz dos naturais de Angola")
 - O porta-voz do MNIA
 - Expressão cultural e literária de angolanidade
 - Primeira voz de uma cultura regional autêntica das áreas lusófonas
 - Maior relevo concedido à poesia (embora aí se tenha também valorizado o conto, o ensaio linguístico, sociológico, crítico, folclórico...)
 - Nela convergem e ganham impulso ideias, projectos, iniciativas isoladas ou colectivas anteriormente esboçadas, de natureza cultural e literária
 - Linha de participação directa e militante
 - Vectores temático-ideológicos principais
 - Opressão
 - A diáspora do negro
 - Infância (ligada a ela as mudanças na cidade de Luanda)
 - Liberdade
 - União
 - A terra (como imanência telúrica e como força

humana e espiritual)

- o Sentimento patriótico e nacional (em tempo de clandestinidade)
- o Prenúncio da luta de libertação
- o Características estilísticas essenciais
- o Utilização linguísticas das palavras das línguas-mães (sobretudo o quimbundo)
 - Reapropriação escrita do português falado dos 'musseques'
 - Justaposição de versos em quimbundo e em português ("Caliban está a dominar Próspero")
 - Não como ornamento, mas
 - Como afirmação da personalidade angolana
 - OBS: forma de ocultação ao mundo oficial dos sentidos do texto
- o Colaboradores
 - Ermelinda Pereira Xavier
 - Maurício Gomes
 - Agostinho Neto
 - António Jacinto
 - Viriato da Cruz
- o NB) Projecto que só parcialmente se cumpriu, MAS...
 - ...Fixou um momento da cultura angolana
 - ...Abriu caminhos novos à poesia e ao conto
 - ...Constituiu a viragem definitiva no caminho da literatura e cultura angolanas
 - ...nela se detectam já elementos de uma consciência social

- *Cultura (I)* (1945-1951; 19 nºs)
 - o Órgão oficial da Sociedade Cultural de Angola
 - o Conjunto de artigos e ensaios sobre ciências sociais e artes
 - o Ausência de cariz revolucionário
 - o Incaracterística do ponto de vista da angolanidade (que aparece só nos últimos nºs)
 - o Colaboradores
 - Geraldo Bessa Victor
 - Agostinho Neto
 - Humberto da Sylvan
 - Mário António
- *Cultura (II)* (1957-1960; 13 nºs)
 - o Colaboradores
 - Todos os jovens poetas e contistas desse tempo em Angola
 - Alguns vieram da *Mensagem*
 - Muitos são revelados na revista
 - Luandino Vieira
 - Arnaldo Santos...
 - Projecta dois poetas de Benguela
 - Ernesto Lara Filho
 - Aires de Almeida Santos
 - o Revitalização da poesia cingida a um espaço definido: Angola
 - o Busca de angolanidade
 - o Revista heteróclita (muitos aspectos como objecto de análise)
 - o Eixos temático-ideológicos centrais

- Marcada regionalidade actuante
- Linha de participação directa e militante (dentro de um conjunto de condicionalismos, como a Censura)
- Evocação do tempo da infância e do passado (como compensação do tempo presente)
 - Acusação implícita do sistema repressivo colonial, para iludir a censura e não o saudosismo ou regresso ao tempo perdido

2.2.7.2.1 Maurício Gomes

- A sua poesia: duas características principais
 - 1. Cor (como sinónimo de dor e humilhação)
 - 2. Descoberta de Angola
- Na sua poesia, há uma espera, a espera de uma redenção, de um milagre
- "Estrela pequenina"
 - Ideia de chamamento (chama todos os angolanos para entender a sua própria história)
 - Dor de ser negro (atribui a solução dos problemas dos negros a Deus)
 - Esta dor vem não da cor, mas da escravidão (perspectiva histórica e não estética)
 - A natureza participa da dor dos angolanos
 - O mar: dois significados
 - 1. Ponto de união de todos os negros (ideia dos movimentos de negritude; «P'rá beira do grande Mar» [v.4])

- 2. Ponto de separação (est.3): permite a separação dos angolanos pelos continentes (os escravos do Brasil vêm de Angola)
 - A natureza não é idealizada, pois participa dos problemas de Angola
- Não há referência explícita à oposição homem negro/homem branco (há, sim, a oposição através de imagens de luz/imagens de escuridão)
- Pela primeira vez, um poeta fala em chamamento (este tópico vai surgir em "Exortação")
- Ideia de esperança (difere de Agostinho Neto, que tem esperança nos homens, não em Deus)
- "Exortação"
 - Influência da literatura brasileira
 - Manuel Bandeira: figura modelar
 - Exorta os que escrevem sobre a poesia de Angola
 - Este poema tem muito a ver com o programa do Movimento *Vamos Descobrir Angola*
 - Nomeia a paisagem angolana (embora não constitua uma poesia de Angola)
 - Dá os dados para a descoberta de Angola, para que os outros cantem Angola
 - Primeiro: enumeração das coisas que Angola tem para serem cantadas
 - Enumeração fastidiosa, mas com um certo olhar de deslumbramento
 - Depois: a partir de «É preciso forjar a poesia de Angola!» (v.103), diz como será essa poesia

- Associação da natureza à história
- Sugere que se deixem as formas anteriores

2.2.7.2.2 Agostinho Neto

- Angolano; presidente do MPLA; licenciado em medicina, participou no Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA); em Lisboa, foi elemento activo da CEI
- Aspectos técnico-estilísticos
 - Poesia elaborada
- Vectores estético-ideológicos
 - Poesia política e expressa uma ideia de liberdade
 - Poesia de resistência, de revolta
 - Ideia de esperança (difere de Maurício Gomes, que tem a esperança em Deus, não nos homens, como Agostinho Neto)
 - Analisa os termos da "falsificação da consciência", da "mutilação da consciência" do negro pela burguesia colonial, do sacrifício da cultura africana pela cultura europeia (que submete o homem negro africano a um sentimento de inferioridade e de incompetência)
 - Messianismo
 - Antinomia presente triste e dolorido/futuro esperançoso
 - Fala do passado para falar do presente (a recordação tem um sentido nitidamente político)
 - Recupera o tema da infância (mostra o desgaste feito pela colonização)
 - Poesia verdadeiramente negra
 - Poesia de olhos secos (poesia antiqueixume ["*O Choro de África*"])

- Influenciado pelo Neo-Realismo e pelos poetas da negritude
- Poesia unificadora (fala de uma irmandade em África, ao contrário de outros poetas, que vão só para o resgate do passado)
- "...Lá no horizonte..."
 - 1ª estrofe
 - Paisagem angolana identificada com o homem
 - Fala da paisagem africana, de uma forma seca, sem sentimentalismos (vv.1-5)
 - OBS
 - Esta ideia do braço erguido associa-se à imagem da espera, da estrela que se vincula à ideia de salvação existente no Neo-Realismo
 - Ideia de salvação, que não deixa de ser messiânica, mas um messianismo de acção
 - Terra maltratada pelas «queimadas» (v.5) e pelos «imbondeiros / de braços erguidos» (v.3-4)
 - 2ª e 3ª estrofes
 - Cultura africana: «carregadores bailundos»
 - Cultura ocidental: «a mulatinha (...) com rouge e pó de arroz» (embranquecimento da cor da pele)
 - Denuncia a colonização, mostrando o quotidiano e o sacrifício dos negros (poesia feita com elementos do quotidiano)
 - A cultura africana é sacrificada pela cultura europeia

- vv.7-16
 - vv.10-12 (desejo de uma roupagem branca, por parte do elemento negro)
- vv.26-28: o "fogo"
 - Elemento muito característico da poesia de Agostinho Neto (ideia de sacrifício (consume) e de purificação [purifica])
 - O «fogo» aparece aqui como a metáfora de sacrifício da cultura africana
- "O choro de África"
 - Antiqueixume («olhos secos» (v.39): ideia de contenção de energia para a mudança, para a acção; também uma forma de luta, que se opõe ao choro da escravidão)
 - Há sempre um choro doloroso que é quase encarado como uma tradição na relação da África com o mundo («O choro de África é um sintoma» [v.35])
 - OBS
 - Esta imagem é muito frequente nele (há mesmo poemas com este título)
 - Ideia África tradicional vs. Nova África (a violência da cultura africana sacrificada perante a cultura europeia e a necessidade de mudar África)

2.2.7.2.3 António Jacinto

- Angolano branco; militante do MPLA; elemento activo do MNIA
- Valores estético-ideológicos
 - Poesia "cicunstancialista" (fala muito mais do angolano do que os outros poetas)
 - Profundamente identificado com o sofrimento do povo

- angolano
 - Denúncia muito mais explícita do que em Agostinho Neto
 - Por vezes, recorre à violência verbal
 - Infância em Angola
 - Não há a ideia de uma união universal, nem um sentido messiânico (como em Agostinho Neto)
- "Poema da alienação"
 - Dois significados
 - Significado 1
 - A obra com a qual critica: desliga-se dos modelos europeus
 - A obra com a qual critica: reflecte sobre os valores africanos
 - Significado 2
 - O povo angolano já tem consciência
 - O povo angolano pode 'agir'
 - Três níveis estruturantes
 - 1. Nível sintáctico
 - Estrutura circular
 - 2. Nível semântico
 - A estrutura circular vinca os dois significados acima referidos
 - A estrutura circular realça um estado de espírito (melancolia, tristeza)
 - 3. Nível pragmático
 - Apelo
 - Implícito: ao longo do poema
 - Explícito: no último verso
 - Imagem do «cavalo»

(movimento, liberdade, acção)

- O poeta deixa de se encarar como a vítima, o seu poema deixa de ser fatalista (o elemento vingador substitui a vítima)
 - O poema transforma-se de elemento passivo em elemento activo
 - Ao «querer», o poema quer cavalgar pela vida, pela liberdade, e conquistar, assumir a sua revolta
- Alteridade
 - Dois 'eus'
 - 1. 'eu' 1 (preto)
 - 2. 'eu' 2 (branco)
 - Unindo as duas cores, o poeta tem como objectivo a unidade de todos os homens
 - OBS
 - O sujeito é o poeta e o povo
 - A alteridade é mais do que um simples processo discursivo, para ser, sobretudo, o resultado

irremediável de uma situação conflituante, do ponto de vista histórico e antropológico

2.2.7.2.4 Viriato da Cruz

- Também fundador do MPLA
- Vectores temático-ideológicos principais
 - Sentimento da pátria e da angolidade
 - Sentimento da negritude ("*Mamãe Negra (Canto de Esperança)*")
 - Sensível às fontes tradicionais da cultura angolana
 - Apela para o combate contra a ordem estabelecida
 - «*Viriato da Cruz introduz na concepção angolana de resignação e de passividade um elemento novo, o da recusa e da libertação*» (MARGARIDO, Alfredo (1980) - *Estudos sobre literatura das nações africanas de língua portuguesa, Lisboa, A Regra do Jogo, p.61*)
- Aspectos técnico-estilísticos
 - Ironia subtil, que esconde a incontestável provocação da sua obra (ele apela para o combate contra a ordem estabelecida)
- "*Namoro*"
 - O enamorado utiliza estratégias culturais europeus para se encontrar com a amada (canto, cartão, recado, dar colar, anel, afagar as mãos, mostrar-se coitado), mas esta responde negativamente
 - Só num baile bem africano, com a música africana, tem a resposta afirmativa
 - Poema simbólico: a procura de África pelo homem negro, dela afastado pelas situações criadas pela descolonização
 - Não fala nem de um passado remoto (como António

Jacinto), nem do presente da opressão (como Agostinho Neto), mas fala de situações culturais angolanas e afirma a sua angolanidade através da ironia em torno do branco e da sua cultura

- Poema "narrativo"
 - "Acção": percurso de aproximação amorosa
 - "Personagens": poeta e amada
 - "Tempo histórico": colonização
 - "Espaço": África
 - "Narrador": sujeito poético
- Três linhas de leitura
 - 1. Perspectiva sintáctica
 - Duas etapas
 - 1ª) Perante artifícios europeus, recebe um NÃO
 - Carta perfumada
 - Cartão
 - Recado
 - Ofertas
 - Indiferença
 - 2ª) Perante artifícios africanos, recebe um SIM
 - Música africana, num baile africano
 - 2. Perspectiva semântica
 - Artifícios
 - Europeus — recebe um Não
 - Africanos — recebe um Sim
 - Recusa do que é europeu e valorização do

que é africano

- A descrição de uma micro-situação (de um sujeito individual [mestiço]) permite a passagem para uma macro-situação (sujeito colectivo [negros de África])
- 3. Perspectiva pragmática
 - Apelo
 - Ao africano (que não aceite os valores impostos)
 - Ao europeu (que não imponha, mas que aceite os valores africanos e os compreenda)
- "Mamã Negra (Canto de Esperança)"
 - Poema que revela o pan-africanismo
 - O poeta chama para o texto o drama negro de todo o mundo (Brasil, África, América...)
 - Última estrofe (sobretudo último verso: «o dia da humanidade»)
 - Lembra a necessidade de uma confraternização sem fronteiras, que pressupõe a eliminação da alienação

2.2.7.2.5 Aires de Almeida Santos

- Mestiço angolano; passa muito tempo em Benguela
- Lançado pela *Cultura*, mas já publicava antes
 - Vectores temático-ideológicos
 - Tema da infância
 - Poeta com intenções pedagógicas
 - Poeta do 'estar'

- Poeta lírico, passivo, sem uma atitude de combate ideológico (difere de Neto)
- Poeta de contemplação, de memória (contempla o passado com resignação)
- "A mulemba secou"
 - 'mulemba'
 - Árvore frondosa, muito copada, conhecida por árvore das conversas e também por árvore dos espíritos
 - Árvore de poder religioso, na qual os espíritos africanos reencontram as raízes e a existência profunda
 - Concentra os valores da infância
 - O secar da mulemba: simbolismo
 - Cisão infância (inconsciência)/adolescência (consciência)
 - Poema "narrativo"
 - Importância da memória

2.2.7.2.6 Ernesto Lara Filho

- Angolano branco; veio para Portugal, onde tira o curso de regente agrícola; viaja pela Europa; jornalista em Luanda
- Vectores temático-ideológicos
 - Crítica mais intensamente a colonização
 - O crescimento da cidade
 - O problema da cor
 - A falta de oportunidades ao negro
 - Marcas de angolanidade
 - Evocação (ligada ao resgate do passado)

- Infância
- Brinquedos
- Personagens do mundo infantil
- Plantas
- Pássaros
- Apelo à libertação ("*Seripipi de Benguela*")
 - Importância da mudança e do futuro (tema que perpassa por todos os seus livros de poesia)
 - A preocupação política com o futuro acentua-se de livro para livro

2.2.7.2.7 Castro Soromenho

- Moçambicano de nascimento, angolano de vivência
- Faz arrancar a autêntica ficção angolana
- Duas fases
 - 1ª fase
 - Revela o sentido do mundo social e mítico das sociedades tribalizadas
 - Visão ainda limitada pela cultura europeia, de um colonialismo clássico (vê ainda os negros como "bárbaros")
 - Pretendeu revelar uma África que pensava ter compreendido, embora o tenha feito com preconceitos europeus (no modo como descreve os pobres e supersticiosos indígenas)
 - 2ª fase
 - Analisa as relações entre o homem negro, mestiço e branco
 - Analisa a dessacralização do mundo negro

- Analisa e denuncia a repressão e os abusos da administração colonial
- Analisa o sofrimento do homem angolano explorado
- Analisa o desencanto existencial de alguns homens da administração colonial
- Provoca uma viragem completa no romance africano
 - A trilogia *Terra Morta* (1949), *Viragem* (1957) e *A Chaga* (1970: póst.) «são uma viragem de 180° no romance africano de expressão portuguesa» (HAMILTON, Russel G. (1975) - *Literatura africana, literatura necessária I - Angola*, vol. I, Lisboa, Ed. 70, p.53)

2.2.7.2.8 Luandino Vieira

- Pseudónimo de José Vieira Mateus da Graça; nasceu em Portugal, mas vive em Luanda desde os três anos
- O mais importante dos novelistas angolanos contemporâneos
- Constitui a melhor síntese das contradições linguísticas na novelística angolana
- A sua obra divide-se em duas fases
 - 1ª fase (até 1961)
 - *A Cidade e a Infância...*
 - Discurso formativo e realista, reproduz a realidade
 - Textos de *representação*; escreve com a finalidade de narrar
 - Fase de planificação (planifica as histórias)
 - Escrita evocacionista (de um tempo histórico

- sócio-cultural sem marginalizações, nem racismos)
- Caricatura do sistema educativo (opressivo e racista)
- Carnavaliza os valores morais do sistema colonial
- Forma-se, pouco a pouco, a sua consciência de africano
- 2ª fase (depois de 1961)
 - *Luuanda / Velhas Estórias / Nós, os do Makulusu...*
 - Discurso afirmativo e reivindicativo
 - Escrita madura (texto de *produção*; narrar é um pretexto para escrever)
 - O musseque assume importância fulcral nos seus textos (a vida dos seus moradores, as suas actividades quotidianas, os sistemas raciais, sociais e de trabalho, o seu folclore, as suas tradições orais...)
- Vectores temático-ideológicos axiais
 - Despertar de uma consciência nacional
 - Compromisso com a angolanidade, visando uma reafirmação
 - *A obra de Luandino é «um texto reivindicativo, um texto social, mais apostado na arte pela vida do que na “arte pela arte”. Daí que a sua cosmovisão resulte de uma atitude eminentemente émica, voltada para um intervencionismo militante. Esse emicismo manifesta-o, por vezes, ironicamente, mas toma aquela ironia típica do humor negro, outras vezes, num tom de séria elevação. Irónico ou sério, o texto ganha sempre uma dimensão didáctica, comprometendo ao máximo o narratário seja em verbalização performativa, seja despertando-o apenas dum modo constativo para a verdadeira face da “mentira da vida” em que o sistema assimilacionista o*

enclausurou» (TRIGO, Salvato (1980) - «O Texto de Luandino Vieira», in AA.VV., Luandino. José Luandino Vieira e a sua obra (estudos, testemunhos, entrevistas), Lisboa, Ed.70, p.235)

- Importância do urbanismo
- Denuncia as situações da opressão colonial
- Importância do musseque
- Ligado à temática da infância, embora tenha muito mais uma saudade de futuro que uma saudade do passado
- Aspectos linguísticos
 - OBS)
 - Luandino é um logoteta (= construtor de línguas)
 - Luandino "descoloniza" a linguagem literária da novelística angolana
 - Tentativa de realizar uma língua literária verdadeiramente angolana através do registo linguístico
 - Através do seu pseudónimo
 - *José*: um dos nomes portugueses mais comuns
 - *Luandino*: habitante da cidade de Luanda
 - *Vieira*: evoca o nome do jesuíta Padre António Vieira (com sermões e cartas que abordavam a colonização do Brasil e que também criticavam a política de Portugal)
 - Querirá sugerir-se como um escritor angolano-português de Luanda, que utilizaria a sua linguagem literária própria para expressar os seus sentimentos sobre o seu próprio país?
 - Cruzamento da língua portuguesa com o quimbundo
 - Atitude inovadora para com o quimbundo e as suas relações com o português padrão
 - Cria uma nova "língua" e uma nova "norma"

(sobretudo com *Luuanda*)

- Cria uma nova "língua"
 - Trabalho de aturada reflexão sobre as estruturas linguísticas do português
 - A *língua luandina* constitui uma *língua portuguesa outra*
- Cria uma nova "norma"
 - NB)
 - A diferença da linguagem faz-se com *Luuanda* (utilização do quimbundo)
 - Carnavaliza a norma social da língua portuguesa transposta para Angola, procurando atacar a ideologia que sustenta a sociedade colonizadora
 - Inovações na área léxico-semântica
 - Expressões
 - «cadavez» (talvez)
 - «muitavez»
 - «mais-velho» (um velho)
 - «o mais-velho» (o mais sábio, independentemente de ser o mais velho ou não)
 - Reduplicação
 - "«ogo-logo» (imediatamente)
 - «pouco-pouco» (aos

poucos)

- Inovações na área sintáctica
 - Escrita imediatista e paratáctica, que não obedece ao logicismo discursivo característico da narrativa
 - Descontinuidades e vácuos relacionais
 - Ausência de preposições em alguns verbos (que pedem preposições)
 - Estar — «estar viver»
 - Gostar — «gostar as raparigas»
 - Começar — «começaram cantar»
 - Transformação da preposição em
 - Está em Portugal — «Está no Portugal»
 - Preferência pela perifrástica
 - Tu verás — «tu vais ver»
 - Forma muito vem muitas vezes no fim da frase (e, por vezes, sem concordância)
 - «barulho no musseque era muito»
 - Preposições específicas

- «conseguiu de chegar»
- «nunca chegou de me ensinar»
- Inovações na área morfológica
 - Evolução do vocabulário quimbundo, através do uso de morfemas do português (verbos, participios, adjectivos, nomes...)
 - «musseque», «mussecado», «mussecal», «musseco», «mussequeiro», «mussequense»...
 - Duplicação do prefixo
 - «tetremer»
 - Inovações na área morfológico-sintáctica
 - Pronome sujeito da 3ª pessoa do singular com forma verbal da 2ª pessoa do singular
 - «você falas»
 - «foste você»
 - Pronome colectivo gente com forma verbal da 1ª pessoa do plural
 - «a gente nem sabíamos»
- ASSIM

- «Luandino Vieira, à semelhança de Eça de Queiroz e de Balzac, recria a língua e a linguagem de uma sociedade e de uma época. Nem se deve esquecer a dimensão político-social de uma tal língua e literatura, até porque uma língua e literatura independentes constituem afirmações primeiras de uma nacionalidade» (STERN, Irwin (1980) - «A Novelística de Luandino Vieira: Descolonização ao nível do Terceiro Registo», in AA.VV., Luandino. José Luandino Vieira e a sua obra (estudos, testemunhos, entrevistas), Lisboa, Ed.70, pp.196-197)
 - «[...] a língua luandina, ainda que muito corrompida ao nível nocional, não deixa [...] de ser uma língua portuguesa: não a língua portuguesa, mas uma língua portuguesa outra das várias a que o português da diáspora deu origem» [TRIGO, Salvato (1980) - «O Texto de Luandino Vieira», in AA.VV., Luandino. José Luandino Vieira e a sua obra (estudos, testemunhos, entrevistas), Lisboa, Ed.70, p.240]
 - Luandino é um logoteta, pois «reflecte [...], na literatura angolana moderna, as tendências inovadoras da literatura universal [o futurismo russo, o modernismo italiano e português, o dadaísmo, o surrealismo], a partir do começo deste século, e consegue assumi-las nos seus textos no sentido de as adaptar à realidade social e humana dum continente, duma nação, em que o terreno era fértil para o surgimento de um fenómeno literário absolutamente singular» [TRIGO, Salvato (1981) - Luandino Vieira, o logoteta, Lisboa, Plátano, pp.452-453]
- Influências culturais
 - Literatura portuguesa (desde as origens)
 - Neo-realismo Brasileiro (sobretudo Jorge Amado e

Guimarães Rosa)

- Realistas americanos (Hemingway...)
- James Joyce
- A cidade e a infância
 - De 1957, mas toda a edição foi destruída
 - 10 contos
 - O homem africano passa a ser o sujeito e não mais uma personagem secundária
 - Os textos são atravessados pela problemática resultante dos efeitos do sentido social de dois termos antagónicos (infância / cidade)
 - Infância
 - Conotada com a Vida
 - Sinónimo de floresta, no sentido de natural
 - Despreocupação com o cultural
 - Inocência
 - Inconsciência
 - Momento da união
 - Idade de ouro
 - Totalidade
 - Espaço sagrado
 - Cidade
 - Relacionada com a civilização; conotada com a Morte
 - Tomada de consciência da dura realidade
 - Diferenciação social
 - Cisão, fractura
 - Racismo

- Associada à ideia de cidade, temos o asfalto, o trabalho, a continuação dos estudos, o álcool, a prostituição
- O antetexto de praticamente toda a *escrita* luandina
- Vectores temático-ideológicos
 - Saudade da infância
 - Saudade de uma etapa de totalidade, sem fracturas psicológicas
 - Não se trata do desejo de *regresso ao passado* despreocupado e edénico de uma meninice sem preconceitos, antes do desejo de que o presente e o futuro possam ser vividos com o mesmo *espírito* livre da infância
 - Conflito entre a cidade do passado (sem musseque) e a cidade do presente (com o musseque, ou seja, com fronteiras económicas e raciais que deram origem ao racismo e à perda da 'totalidade')
 - Cor da pele
 - Denúncia do racismo
- O título
 - Título contextual
 - Está no mesmo plano semiótico da obra
 - A obra é uma extensão do título
 - Expressão oximórica (os termos anulam-se mutuamente)
 - O aparecimento e desenvolvimento da cidade anula a infância do negro e faz

- nascer o musseque (espaço marginalizado e emblema da divisão étnico-social por ela provocada)
- A fronteira entre a cidade e o musseque é a da cor (traduzida metonimicamente pela "fronteira do asfalto")
 - "A fronteira de asfalto"
 - Posição significativa (central; 5º conto): toda a obra gira em torno desse centro
 - Título
 - Expressão emblemática, metafórica
 - É também um dado cultural (separa o mundo natural da infância do mundo cultural que separa brancos e negros)
 - "fronteira"
 - Implica separação (política ou histórica) entre dois espaços
 - "asfalto"
 - Separa as árvores com flores violetas dos cajueiros, piteiras, mulembas
 - A distinção branco/negro faz-se através da paisagem
 - Denota a marca que divide os dois espaços
 - Conota a "cor negra" e o "progresso"
 - Metonímia africana para "opressão" (o trabalho forçado do

- homem negro)
- Símbolo de "colono", de "branco"
(contradição com o que conota)
- Dois momentos
 - Infância (o natural)
 - Idade de ouro (época assexuada, das brincadeiras)
 - Momento da totalidade
 - Não há distinção de cor
 - Não há distinção económica
 - Adolescência (o cultural)
 - Altura na qual os adultos vêem o perigo da perpetuação da anulação das diferenças e da possibilidade da eternização das misturas
 - O momento da distinção, da impossibilidade, da diferenciação económica, da fronteira do asfalto
- Marina: personagem-máscara
 - Nome
 - Carrega um índice de "morte" (do ponto de vista africano)
 - Radical "Mar" ("Kalunga", para os angolanos) tem para os africanos dois traços sémicos: "escravidão" e "morte"
 - Sugere tragédia: arrastaria

- Ricardo para a morte
- Descrição (semelhante às das personagens românticas)
 - Descrição que se relaciona com a isotopia metafórica de "mar"
 - Tranças loiras (alegoria de areias amarelas da praia)
 - Laços vermelhos (alegoria do pôr-do-sol [morte] marítimo)
 - Olhos azuis (sinédoque de águas marinhas)
 - Pele branca (metáfora para a espuma da ondulação)
- O conhecimento da oposição entre os 2 mundos e a ilogicidade desse contraste inicia os protagonistas na revolta e na dor
 - Ricardo agride Marina verbalmente
 - Marina rasga a foto dos «amigos para sempre» (tenta apagar da memória os bons tempos da infância, mas interroga o porquê de agora ser diferente)
- Prevalece a voz social
- Marina obedece à mãe
- Ricardo assume a condição de negro perante a polícia, fugindo e, batendo com a cabaça no passeio (o asfalto), se cala definitivamente

- *A Cidade e a Infância* é o ponto de partida de Luandino para a africanidade literária, que *Luuanda* inicia
- *Luuanda* (1964) (Três contos, escritos na prisão do Tarrafal, em Cabo Verde)
 - *Luuanda* é «um conjunto de ficção ilustrativo, pelo intercâmbio de textos mais contrastantes, em que se privilegiam estilos (falas) em disputa numa sociedade “híbrida” cujos padrões, como o social de língua (correcto social), ou seja, adequação externa entre o modo de falar do indivíduo e o da comunidade que lhe serve de modelo, em virtude de convergências linguísticas, entre outras, procuram delinear-se ou definir-se no emaranhado de opções que a obra regista» [SANTILLI, Maria Aparecida (1980) - «A “Luuanda” de Luandino Vieira», in AA.VV., Luandino. José Luandino Vieira e a sua obra (estudos, testemunhos, entrevistas), Lisboa, Ed.70, p.264]
 - Obra que sofre a rejeição e perseguição da PIDE, porque é uma obra que reivindica uma autonomia linguística (e não só)
 - Obra que constitui uma ruptura linguística, porque o seu texto lança as bases para uma profunda africanização da linguagem literária de raiz portuguesa, através da violação da norma
 - Atacar a língua, transgredi-la, na sua norma linguística ou social, corresponde a abalar as estruturas da identidade do povo que a usa e, por extensão, o sistema de valores em que essa identidade está alicerçada
 - Livro de viragem na sua obra: trabalho de escrita muito mais elaborado (CF. Texto distribuído [*Luuanda*, pp.71-72])
 - Marcas de africanidade
 - A relação semiótica que o homem de África mantém com a natureza (essa

- relação advém da cosmogonia negra que concede à natureza o estatuto de verdadeira epifania [espaço de revelação do divino com sinais que o homem transforma em símbolos, em significação, portanto])
- Valor simbólico, parabólico, desta passagem
 - Marcas de textualidade africana com fundamentação cultural (1) e sócio-cultural (2)
 - (1)
 - p.72 (1): O narrador está plenamente identificado com a circulação da *palavra* em África (é à noite, perto do fogo e da fogueira que se narram as histórias)
 - (2)
 - Servindo-se de um modelo que a natureza lhe dá, o sujeito reflecte sobre o futuro de Angola, num momento em que ela se sentia ameaçada pela guerra colonial
 - O “cajueiro”: simboliza a árvore genealógica do povo angolano
 - Por mais que se pretenda exterminá-lo, ele renascerá sempre, porque o princípio ontológico do cajueiro não está tanto

nas suas raízes, mas mais
nos seus frutos: os filhos,
os monandengues

- Não adianta derrubar os cajueiros todos, porque a cada árvore caída sucederá uma outra
- Marcas de africanidade linguística
 - Digressão parabólica
 - *Figura* textual típica da estética africana (serve para a transmissão cultural)
 - Aspecto *conversacionista* (ajuste perfeito à estética da *oratura* africana)
 - Uma *ilha* textual com perfeita autonomia em relação ao resto do texto
 - A parábola do cajueiro é uma alegoria sobre o texto como prática de *escrita*
 - Comparação: o fazer do texto com o fazer de uma teia de aranha (concepção actual: LER BARTHES, Roland (1988) - *O prazer do texto*, Lisboa, Ed. 70, p.112)
 - O apagamento, o desaparecimento do *eu*, pois o sujeito, quando trabalha a língua, deixa-se trabalhar por ela
 - Luandino Vieira usa a *estória* para retratar a História (coloca indícios para a

decifração ao longo dos seus contos)

- «*Luanda contém todos os germes fundamentais para o advento dum texto luandino, cada vez mais apoiado na escrita, isto é, para um texto onde se destruirá o código ou os códigos literário e linguístico português e se proclamará a liberdade das formas*» (TRIGO, Salvato (1981) - *Luandino Vieira, o logoteta*, Lisboa, Plátano, p.409)

2.2.7.2.9 Arnaldo Santos

- Mestiço; activa participação dentro da *Cultura (II)*
- Vectores temático-ideológicos
 - Contradições sociais e raciais
 - Quadro social de Luanda (com o objectivo de criticar o jogo das aparências)
 - Evocação da infância
 - Crítica ao processo colonial, à assimilação e à marginalização do homem nativo
 - Desespero, resultante do fracasso por parte do nativo, quando quer imitar o branco europeu (Gigi)
- Aspectos técnico-discursivos e estilísticos
 - Narrativas de cortes (ao contrário de Luandino Vieira, onde há uma narrativa linear)
 - Descritivismo
 - Comparação com as coisas africanas (insubordinação para com os padrões da escola)
- "A menina Vitória" (in *Quinaxixe*, 1965)
 - Personagens
 - Menina Vitória
 - Descrita de forma irónica
 - Surge como assimilada
 - Representa um instrumento de dominação

- Tenta impor o seu lado branco e incute nos alunos valores do mundo do europeu (redacções...)
- Tenta silenciar o mundo do colonizado
- Matoso
 - Marginalizado pela Menina Vitória (pela sua aparência e pela sua linguagem — português e quimbundo)
 - Tenta subordinar a linguagem do colonizador à do colonizado (ao contrário de Gigi)
- Gigi
 - Tem uma certa ancestralidade negra (tal como a Menina Vitória)
 - Tem que optar entre o 'ser' e o parecer' (entre Matoso e Menina Vitória)
 - Tenta incorporar toda a personalidade do colonizador
 - Tenta apagar as suas raízes
 - Procura fazer uma composição segundo os moldes da Menina Vitória
 - Tenta imitar menina Vitória, mas não consegue (trata por 'tu' uma grande personagem nacional)
- Vectores temático-ideológicos
 - Escola
 - Peso muito grande na ascensão social
 - Denúncia velada

- Às próprias professoras, que fazem a distinção entre os alunos
- Ao processo de padronização do sistema escolar
- À ideia de escola como castração da imaginação
- Tensão branco/negro
- Tensão selva/escola
- Ameaça que representa a imposição da escola e de uma cultura forçada ao nativo
- Valor simbólico da marginalização em termos de espaço (Matoso, o colonizado, é colocado no fundo da sala)
- Angolanidade (fauna, flora, quimbundo)

2.2.7.3 *Anos 60*

- Publicação de muitos cadernos de poesia (autores angolanos e portugueses radicados)
- Vectores temático-ideológicos
 - Poesia de resistência e de combate (feita pelos "filhos da terra")
 - Poesia de intervenção, de denúncia directa das circunstâncias sociais e dos conflitos ideológicos
 - Exaltação do acto de libertação nacional, através da luta armada
 - Com o início da luta armada em 1961, muitos poetas são 'calados', presos, perseguidos...
 - Poetas
 - Agostinho Neto

- Deolinda-Rodrigues...
 - Futuro
- Papel importante da Casa dos Estudantes do Império [CEI], em Lisboa)
 - Fundada em 1949 e extinta em 1965
 - Centro intelectual e político dos estudantes e intelectuais africanos (sobretudo angolanos)
 - Acção aglutinadora das potencialidades literárias, culturais, políticas, dos escritores africanos que em Portugal estudavam na Universidade
- Tempo de repressão
 - Tempos difíceis para a criação literária e para a cultura em geral
 - Perseguição, prisões, exílios, de escritores e intelectuais
 - Extinção da CEI (1965)
 - Proibição da *Mensagem* (esta, de Lisboa, a revista da CEI)
 - Põe-se fim às Edições Imbondeiro
 - Encerra-se a Secção Cultural da Associação dos Naturais de Angola

2.2.7.4 Anos 70

- Recuperação do processo estético que caracterizara a poesia dos anos 50
- Convívio com as pesquisas da poesia actual
- Consciência estética mais apurada

2.2.7.4.1 Pré-Independência

- 'magra' liberalização patrocinada por Marcelo Caetano
 - Renasce o propósito de uma certa actividade literária

- Surgem três revistas literárias fundamentais
 - *Convivium* (1970-1971; Benguela; 9 nºs)
 - Não correspondeu àquilo que o momento histórico-cultural requeria
 - «inofensivo gesto» de quem não queria levantar problemas
 - *Vector* (1971-1972; Nova Lisboa; 13 nºs)
 - Não segue uma tradição de procura da autenticidade angolana
 - *Ngoma* (1974: Dezembro; 1 nº apenas)
 - Traduz uma viragem ideológica definitiva, retomando o caminho de *Mensagem* e *Cultura (II)*

2.2.7.4.2 Pós-Independência

- Rumos da poesia
 - Experimentalismo (David Mestre)
 - Renovação das experiências poéticas da *Mensagem* e de *Cultura (II)* (João-Maria Vilanova)

Bibliografia

Bibliografia Activa

NARRATIVA

- **Angola**
 - Alfredo Troni (*Nga Mutúri* [referência geral])
 - José Luandino Vieira («A fronteira de asfalto» [7 páginas], in *A Cidade e a Infância*)
 - Arnaldo Santos («A Menina Vitória» [referência geral])

- **Moçambique**
 - Luís Bernardo Honwana («Nós matámos o cão-tinhoso» [referência geral], in *Nós Matámos o Cão-Tinhoso*)

- **Cabo Verde**
 - Baltasar Lopes (*Chiquinho* [referência geral])

POESIA

- Os textos serão distribuídos ao longo da acção de formação

Bibliografia Passiva Aconselhada

- AA.VV. (1980) - *Introdução à cultura africana*, Lisboa, Ed. 70.
- AA.VV. (1980) - *Luandino. José Luandino Vieira e a sua obra (estudos, testemunhos, entrevistas)*, Lisboa, Ed.70.
- ANDRADE, Mário de (1975 e 1979) - *Antologia temática da poesia africana*, Lisboa, Sá da Costa, 2 vols.
- BETI, Mongo, TOBNER, Odile (1989) - *Dictionnaire de la Négritude*, Paris, Éditions L'Harmattan.
- CARVALHO, Alberto (1988) - «Prefácio» a *Chiquinho*, 6ª ed. [2ª ed. facsimilada], Lisboa, Editor África-Literatura, Arte e Cultura, pp.XI-XXX.
- DUARTE, Manuel (1954) - «Caboverdianidade e africanidade», in *Vértice*, Vol. XIV, 134, Nov, pp. 639-644.
- ERVEDOSA, Carlos (1985) - *Roteiro da Literatura Angolana*, 3ªed., s/l., Ed. Presença.
- FERREIRA, Manuel (1972) - «O círculo do mar e o 'terra-longismo' em 'Chiquinho' de Baltasar Lopes», in *Colóquio/Letras*, 5, Janeiro, Lisboa, Gulbenkian, pp.66-70.
- FERREIRA, Manuel (1984) - *No reino de Caliban*, Lisboa, Plátano Editora, vol. III.
- FERREIRA, Manuel (1986) - *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, 2ª ed., Lisboa, Biblioteca Breve, 2 vols.
- FERREIRA, Manuel (1988) - *No reino de Caliban*, 2ª ed., Lisboa, Plátano Editora, vol. II.
- FERREIRA, Manuel (1988) - *No reino de Caliban*, 3ª ed., Lisboa, Plátano Editora, vol.I.
- FERREIRA, Manuel (1989) - *O Discurso no Percurso Africano I*, Lisboa, Plátano Editora.
- GUERRA, Henrique (1985) - «Prefácio» a *O Segredo da Morta*, 3ª ed., República de Cuba, Ediciones Cubanas, pp.11-26.
- HAMILTON, Russel G. (1981 e 1984) - *Literatura africana, literatura necessária*, 2 vols., Lisboa, Ed. 70.
- LARANJEIRA, Pires (1979) - «Originalidade da literatura africana», in

Cadernos de Literatura, 3, Coimbra, pp.34-40.

- LARANJEIRA, Pires (1981) - «Conflitos sociais nas literaturas africanas de língua portuguesa», in *Cadernos de Literatura*, 10, Coimbra, pp.77-87.
- LARANJEIRA, Pires (1982) - «Assimilação, aculturação e alienação em *Nga Mutúri* de Alfredo Troni», in *Cadernos de Literatura*, 12, Coimbra, pp.51-57.
- LARANJEIRA, Pires (1985) - *Literatura calibanesca*, Porto, Afrontamento.
- LEITE, Ana Mafalda (1991) - *A poética de José Craveirinha*, Lisboa, Vega.
- LEPECKI, M. Lúcia (1988) - *Sobreimpressões. Estudos de Literatura Portuguesa e Africana*, Lisboa, Ed. Caminho.
- Les littératures africaines de langue portugaise (actes du colloque international, 1984)* (1985), Paris, Gulbenkian.
- LIND, Rudolf Georg (1981) - «Constantes temáticas da lírica caboverdiana», in *Cadernos de Literatura*, 8, Coimbra, pp.27-39.
- LISBOA, Eugénio (1987) - «Um olhar atento ao mundo africano de língua portuguesa», in *Afecto às letras. Homenagem da Literatura Portuguesa Contemporânea a Jacinto do Prado Coelho*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp.176-178.
- MARGARIDO, Alfredo (1980) - *Estudos sobre literatura das nações africanas de língua portuguesa*, Lisboa, A Regra do Jogo.
- MARTINHO, Fernando J. B. (1982) - «"Karingana Ua Karingana", de José Craveirinha», in *Cadernos de Literatura*, 12, Coimbra, pp.34-41.
- MARTINS, Heitor (1984) - «Evasionismo como consciencialização. O caso de *Chiquinho* de Baltasar Lopes», in *Brotéria*, vol. 119, 1, Julho, Lisboa, pp.58-64.
- MONTEIRO, Maria Rosa Valente Sil (1982) - «Próspero e Caliban: a renúncia impossível», in *Diacrítica*, 7, Braga, Univ. Minho, pp.93-109.
- MOSER, Gerald (1980) - «Introdução» a FERREIRA, Maia, *Espontaneidades da minha alma. Às senhoras africanas*, 2ª ed., Lisboa, Ed. 70, pp. XI-XXXIV.
- OLIVEIRA, Mário António Fernandes de (1981) - «Memória de Luanda (1949-1953): "Vamos Descobrir Angola!"», in *Luso-Brazilian Review*, vol.18, nº2, Wisconsin, Univ. of Wisconsin Press, Winter, pp.311-322.

- REISMAN, Phyllis A. (1987) - «José Luandino Vieira and the "New" Angolan Fiction», in *Luso-Brazilian Review*, vol.24, nº1, Wisconsin, Univ. of Wisconsin Press, Summer, pp.69-78.
- Revista Internacional de Língua Portuguesa* (1989), 1, Lisboa, Associação das Universidades de Língua Portuguesa, Julho.
- RIVAS, Pierre (1989) - «Clairidade: Emergence et différenciation d'une littérature nationale. L'exemple du Cap-Vert», in *Quadrant*, 6, pp.109-118.
- ROSÁRIO, Lourenço (1982) - «Língua portuguesa e cultura moçambicana», in *Cadernos de Literatura*, 12, Coimbra, pp.58-66.
- SÁ, Manuel Cascais de (1980) - «Do sobrevoos do texto ao intertexto — Luandino Vieira e Baltasar Lopes», in *Cadernos de Literatura*, 7, Coimbra, pp.66-70.
- TRIGO, Salvato (1981) - *Luandino Vieira, o logoteta*, Lisboa, Plátano.
- TRIGO, Salvato (1986) - *Ensaio de literatura comparada afro-luso-brasileira*, Lisboa, Vega.